

INTERLÚDIO I: O MAIS DIFÍCIL É O MAIS ABERTO



Interesses na Babilônia viram nevoeiro, poços em
chamas tiram proveito. Passa, passa, passa, passa, passa,
passageiro. A arte ainda se mostra primeiro.

— O RAPPA, “MAR DE GENTE”.

Das aulas do professor de mitologia Marcos Ferreira-Santos que tive o privilégio assistir, gosto de recordar o “koan do chá” que certa vez ele contou para a turma: sentado em frente ao templo, um mestre ancião ensinava a seu discípulo a arte de servir o chá. “Olhe e aprenda”. Primeiro chegou um rapaz jovem queixando-se de que aquele templo precisava urgentemente de reformas, pois ninguém mais entrava ali por conta das condições precárias do local. O velho mestre sorriu e respondeu: “É verdade! Aceita uma xícara de chá?” O rapaz bebeu, satisfeito, e foi embora.

Então apareceu uma moça que elogiou o templo, dizendo que aquele lugar era muito bonito e transmitia uma serenidade ímpar. O velho mestre sorriu e respondeu: “É verdade! Aceita uma xícara de chá?” Mais tarde, aproximou-se um senhor de idade reclamando que as novas gerações estavam perdidas, pois ninguém mais sabia dar valor à sabedoria ancestral. Novamente o mestre sorriu e respondeu: “É verdade! Aceita uma xícara de chá?” Depois que o último senhor foi embora, o jovem discípulo questionou, indignado: “Mestre, como vou saber qual é a verdade se o senhor concorda com as ideias contraditórias de todos que passam por aqui?” O velho mestre sorriu novamente e respondeu: “É verdade! Aceita uma xícara de chá?”

Se não me engano, essa anedota foi contada para ilustrar a função do professor de aprofundar o diálogo do discípulo consigo mesmo para que, deste modo, por meio da mediação do mestre, o aprendiz possa deixar de

ser aprendiz. E, assim — eis o pensamento que me fez resgatar tal anedota —, às vezes algum ciclo de significado se fecha e fazemos as coisas por elas mesmas, sem nenhum outro propósito além de simplesmente fazê-las. E talvez, quando chegamos no ponto de servir o chá apenas para servir o chá, a ação ao mesmo tempo mais reflexiva e mais ativa seja a de não fazer nada além de deixar a própria interpretação em aberto. Trata-se de um tipo de aceitação que envolve a suspensão de uma nova ação, o que tanto pode alimentar vícios quanto aprofundar virtudes e perspectivas — depende do quanto conseguimos mantê-la, a interpretação, em aberto.

Digamos que o discípulo do mestre tenha se tornado, além de autodidata, um falso sofista: um pensador que se assemelha a seu mestre em todos os aspectos (armando-se com a mesma retórica e utilizando os mesmos artifícios), exceto pelo efeito contundente do imperativo “se não há verdade, então qualquer coisa serve”. Ora, a afirmação “é verdade!” fazia parte da arte de servir o chá — o que, para o ex-aprendiz, não passava de um truque retórico. Só que ele nunca cogitou que a fala de seu mestre não se referia tanto à Verdade única e original quanto a *qualquer uma*.

Na superfície, pois, a diferença é muito pequena: o princípio de que “qualquer coisa serve” porque não há verdade ou porque, pelo contrário, tudo o que existe (que acontece ou que é pensado) *pode ser verdade para alguém*.

O discípulo optou pelo caminho mais fácil: suspender totalmente as verdades do mundo ao invés de manter a si mesmo em suspenso em relação às diversas interpretações sobre o mundo. Em suma, sua fraqueza foi a de não conseguir manter-se até o fim *em aberto*. Esta me parece ser a grande dificuldade de todos aqueles que, como eu, sentem prazer com o mero “conhecer”: distinguir aquilo que, por muito pouco, pode deixar de ser verdade e aquilo que, exatamente por deixar de ser o que sempre nos pareceu ser, surpreende-nos em sua não-verdade.

Com isso quero dizer que ser cético ou sofista não é o mesmo que ser niilista, negador de tudo. O cético ainda pode ser afirmador ao sustentar que, embora nenhuma verdade exista enquanto tal, este não-reconhecimento também escapa à tentativa de dispô-lo como ideia pronta. Já para o

niilista, tudo se resume a jogos de linguagem, criando para si obstáculos a um pensamento que deslize por entre tais jogos. O que, no limite, significa a diferença entre resignar-se à negação da repetição do mesmo (aceita uma xícara de chá?) ou conseguir surpreender-se com cada repetição.

Mais do que uma questão de crença, portanto, trata-se de uma questão de esforço ou desistência. Sob um olhar cético, o fácil enunciado de que “tudo depende do ponto de vista” pode implicar tanto desistência (tudo é válido porque *nada é válido*) quanto esforço: não importa o que se diga que “é verdade!” quando se está aberto ao encontro, fiel apenas à fugacidade das aparências que se alteram ao acaso. A verdade a ser brindada com mais uma xícara de chá consiste na afirmação de que em cada encontro que se repete teremos uma resposta diferente. Aceita uma xícara de chá? — o importante é que ainda haja uma resposta, o importante é que ainda haja diferenças.